

JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADES OUTRAS DE SOCIABILIDADES

Nadia Jane de Sousa¹
Mariana Lins de Oliveira²

Resumo: Esse texto visa discutir acerca da condição juvenil na contemporaneidade a partir de redes de sociabilidades geradas pelas práticas culturais juvenis. Concebemos a juventude enquanto fenômeno social, produto das relações de força numa determinada sociedade, que não se conforma com delimitações biológicas. As experiências apresentadas são recortes de pesquisas realizadas com jovens das periferias de duas cidades do interior paraibano. O texto que segue teve como aporte teórico autores como Maffesoli (1998;2004;2007), Bauman (1999;2003), Dayrel (2005), Carrano (2003), entre outros. As práticas vivenciadas pelos sujeitos de tais estudos apontam a experiência estética como vivência do sensível, criadora de sentidos para a vida, além de educativa, geradora de aprendizagens e saberes.

Palavras chave: Juventudes. Redes de Sociabilidades. Práticas Culturais.

Youth in Contemporary Society: another possibilities of societies

Abstract: This text aims to discuss the youth condition in the contemporary world from networks of sociabilities generated by youth cultural practices. We conceive youth as a social phenomenon, product of the power relationship in a given society, which does not conform to biological delimitations. The experiences presented are research cuts made with young people from the outskirts of cities in the interior of Paraíba. The following text had theoretical support authors such as Maffesoli (1998; 2004; 2007), Bauman (1999; 2003), Dayrel (2005), Carrano (2003), among others. The practices experienced by the subjects of such studies point to the aesthetic experience as the experience of the sensitive, creating meaning for life, as well as educational, generating learning and knowledge.

Key-words: Youth, sociability networks, cultural practices.

INTRODUÇÃO

A porta da verdade estava aberta,
Mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível assumir toda a verdade,
Porque a meia pessoa que entrava
Só trazia o perfil de meia verdade (...)

¹ Universidade Federal da Paraíba. (janenadia@gmail.com)

² Universidade Federal da Paraíba. (mariloliveiras@gmail.com)

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada uma optou conforme
Seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade

Nossos olhares sobre a realidade são expressos conforme as lentes que utilizamos. Essas lentes não raramente são carregadas de “ilusões” que nos fazem crer em determinadas verdades. A escolha de pedir emprestadas as palavras de Drummond para introduzir esse texto, nos auxilia a refletir sobre as narrativas embebidas de “certezas” sobre a condição dos jovens pobres e moradores das periferias.

Na sociedade atual a juventude é tematizada enquanto um problema; o jovem é visto como aquele que resiste à ação socializadora, que se desvia do padrão, das normas vigentes. Takeuti, na introdução de seu livro “O outro lado do Espelho”(2002) também destaca que “a problemática da juventude, percebida atualmente pelas sociedades de diversos países ocidentais, é a de atribuir aos jovens um lugar de *negação absoluta*, quando não mais “violentos”, ao menos, de mais em mais, “incivis agressivos” (TAKEUTI, 2002, p. 17. Destaques da autora). Esse olhar, fortemente influenciado pela mídia, privilegia as relações entre a juventude e a violência, cristalizando, desse modo, uma percepção negativa sobre eles.

Não partimos dessas “verdades”. Compreendemos a juventude enquanto fenômeno social, que, enquanto uma categoria sócio-histórica, é produto das relações de força numa determinada sociedade, que não se conforma com delimitações biológicas. Fatores como a revolução tecnológica e sua repercussão na organização produtiva e simbólica da sociedade, a oferta e o consumo cultural e o discurso jurídico, entre outras questões, dão sentido e especificidade ao mundo juvenil, para além dos limites da idade. Essa forma de compreender a juventude também leva em conta a diversidade que a constitui havendo, portanto, várias delas em um mesmo tempo e espaços sociais.

Tais pressupostos dão a tônica desse texto, já que nossos objetivos consistem em dar visibilidade a modos peculiares de viver a(s) juventude(s), buscando ressaltar questões outras que extrapolam os discursos vigentes. Desse modo, intentamos compartilhar nossas pesquisas (SOUSA, 2010; OLIVEIRA, 2015) que tiveram como objeto de estudo grupos juvenis do interior do Estado

da Paraíba, especificamente nas cidades de Cajazeiras, com grupos de dança de rua e em Zabelê, com o Coletivo “Atissar”.



As aproximações com esses grupos se deram de formas variadas: na pesquisa com jovens de Cajazeiras, as observações dos ensaios, eventos e atividades da dança de rua, bem como entrevistas e a organização de grupos focais foram os instrumentos metodológicos utilizados; com o Coletivo de Zabelê as narrativas em torno das histórias de vida de um participante do grupo foi o modo de coleta utilizado.

O grupo focal permitiu perceber os posicionamentos dos jovens em torno das temáticas pertinentes ao estudo realizado, como globalização, juventude, cultura juvenil, grupo e mídia (SOUZA, 2010). Por seu turno, as narrativas foram usadas como formas de expressão das experiências vivenciadas; assim, os sentimentos, impressões e memórias da vida cotidiana, de maneira geral, foram comunicados através de narrativas. Assim, como afirmam Jovchelovitch e Bauer(2010), independente de níveis de formação e educação, os diversos grupos sociais, comunidades e subculturas “contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida”(2010, p. 91).

Referiremos aqui às histórias e vivências de jovens e seus agrupamentos, que têm construído modos de vida que buscam romper, de certa forma, com as normatividades. São experiências que não necessariamente se contrapõem aos discursos proferidos hegemonicamente, mas reconhecem a experiência estética como vivência do sensível, criadora de sentidos para a vida, além de educativa, geradora de aprendizagens e saberes.

A concepção de educação aqui presente vai além dos muros da escola, compreendendo-a enquanto prática cultural e portanto, “como processo social de compartilhamento de significados, para além dos espaços intencionalmente instituídos para promover aprendizagens” (CARRANO, 2003, p. 11). Tais experiências a serem partilhadas buscam incitar reflexões sobre a condição juvenil a partir de práticas culturais protagonizadas pelos jovens.

Para desenvolver as questões postuladas, o texto está organizado em duas partes: na primeira apresentamos a concepção de juventude que defendemos, bem como adentramos, mesmo que de forma breve, na discussão acerca do estar junto juvenil e suas redes de sociabilidade; na segunda parte, o texto apresenta e discute as experiências e vivências dos jovens de Cajazeiras e Zabelê em torno de suas práticas culturais.

JUVENTUDES: O ESTAR JUNTOS E AS REDES DE SOCIABILIDADES



De que modo as práticas culturais juvenis contribuem para entendermos os diferentes modos de ser jovem e os arranjos da sociedade na qual estamos imersos? Tal questão é o fio condutor desse tópico que pretende apontar algumas ideias sob as quais o modo de entender a juventude foi sendo gestada.

Num primeiro momento é importante destacar que a noção de juventude que ainda perpassa a sociedade atual é herdeira da lógica como a sociedade moderna se constituiu, tendo como base uma racionalidade instrumental com vistas ao progresso humano e social.

Arelada à constituição da modernidade (no que esta influenciou nos costumes e nos comportamentos) as “idades da vida”(PERALVA, 1997), compostas da infância, juventude e do ser adulto, vão se constituindo, não como fenômeno puramente natural, mas social e histórico. Assim, “evoluir do mais bárbaro dos obscurantismos para a mais civilizada das realizações” (MAFFESOLI, 2004, p. 19), ou seja, corrigir e/ou aperfeiçoar o que existe de inacabado na natureza humana, passa a ser o sentido das ações da juventude, tendo a idade adulta como o resultado final a ser alcançado.

Nessa perspectiva, tem-se uma concepção de tempo que se apresenta de forma linear, ou seja, há um fim a ser alcançado e para tanto o indivíduo segue determinadas etapas bem definidas socialmente, onde “na infância brinca-se, na juventude prepara-se e na idade adulta trabalha-se” (DAYREL, 2005, p. 29). Essa visão de linearidade desconsidera fatores econômicos e de classe social que interferem diretamente na maneira como se vive cada momento da vida. Os jovens que podem se preparar para a vida adulta são aqueles que têm oportunidade de estar na escola e em outros espaços formativos, ou seja, a ideia de juventude se confunde com a condição de estudante e todos aqueles que estão fora da escola vão deixando de ser considerados sujeitos.

É em meio às transformações sociais e culturais, que vai se estruturando uma ideia de juventude: a de que esta representa uma fase da vida, com identidade própria, fortalecida pelos grupos de pares que se encontram em torno de determinados estilos e padrões de consumo.

Pelo exposto, é possível sinalizar que há diferentes modos de problematizar a juventude, tendo por referência ora abordagens mais funcionalistas (apoiando-se no paradigma da integração e nas categorias “função” e “disfunção social”), ora abordagens mais sócio-histórico-culturais.

A concepção de juventude diretamente articulada à anomia e à desordem ou disfunção social originou-se nos estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago nos anos iniciais do século XX, quando foram pesquisados os conflitos entre gangues, bandos e organizações clandestinas, compostos por jovens imigrantes nos grandes centros urbanos dos Estados Unidos. Nesta ótica, as rebeldias juvenis são explicadas como disfunções e a delinquência é considerada o tipo mais característico deste comportamento desviante. Os problemas como a delinquência, o comportamento de risco e o forte uso de drogas passam a suscitar a intervenção por parte da sociedade para contorná-los (GROPPO, 2010; ZALUAR, 1997).

As interpretações sócio históricas tendem a levar em consideração os contextos culturais, sociais e políticos que permeiam as experiências de se fazer jovem. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que não há um conceito *a priori* ou naturalizado do que significa a juventude, já que recortes etários, étnicos, de classe social, de gênero, além de processos educativos e de sociabilidade, vão delineando as múltiplas manifestações das existências juvenis. Ao nosso ver, tal perspectiva busca romper com os olhares estigmatizantes sobre os jovens, por isso que dela nos valem para trazer as reflexões sinalizadas nesse texto.

Nessa direção, concordamos com Groppo (2010) quando afirma que as juventudes na contemporaneidade vêm sendo abordadas cada vez mais como «estilos de vida» e não apenas como categoria etária. A juventude, portanto, passa a ser considerada como uma etapa da vida humana, com identidade e cultura próprias, ao invés de simplesmente um período de passagem para a vida adulta.

Isto tem resultado em dois movimentos em torno das reflexões suscitadas pelas ciências sociais sobre a temática: o primeiro é a tentativa de superação da ideia da juventude como socialização ou preparação para a vida adulta, substituída pela ideia de que a juventude se torna um uma experiência de estilística da vida. A segunda é a tentativa de ressignificar os olhares da modernidade no que diz respeito a rebeldia juvenil - a boemia, delinquência e radicalismo - que passam a ser concebida como expressão de subculturas dos jovens. As subculturas, portanto, termo utilizado por um grupo de pesquisadores do Center for the Contemporary Cultural Studies, da Escola de Birmingham, tem produzido estilos que, segundo Dayrel (2005, p. 35), se apropriam de “elementos materiais e imateriais heterogêneos [...], imprimindo neles novos significados”. Assim, o autor enfatiza que

mesmo não tendo respostas para os problemas concretos do cotidiano, as subculturas cumprem funções positivas que não estão resolvidas por outras instituições, significando espaços de autonomia e auto-estima para os jovens. As subculturas expressam novos valores em oposição e resistência a um código cultural padrão (DAYREL, 2005, p. 35).

Desse modo, o lugar da anomia, do desvio ou da disfunção social ora atrelado às juventudes, passa a ser tratado como processos de construção e produção de diversidades socioculturais.

Neste sentido, ressaltamos a necessidade de identificação dessas diversidades, presentes tanto nas singularidades dos sujeitos jovens, como nos códigos e símbolos construídos e compartilhados nos grupos e coletivos juvenis. Os coletivos podem ser entendidos como uma espécie de “sistema social” carregado de linguagens, costumes e afetos próprios de cada grupo. De acordo com Caliman, “o sistema social é o setor da sociedade caracterizado por uma organização e legitimação que constituem a sua própria racionalidade interna” (CALIMAN, 2008, p. 112).

Para Maffesoli (2004), há na sociedade atual um paradigma estético que indica a propensão para vibrarmos e sentirmos em comum, tendo as emoções como vetor social. Por seu turno, Bauman (2003), eo lugar da anomia, do desvio ou da disfunção social ora atrelado às juventudes, passa a ser tratado como processos de construção e produção de diversidades socioculturais. m que pese uma visão menos otimista dessa sociedade, vendo-a mais medrosa, mais solitária e mais insegura, confere às paixões o cimento da união entre os membros das comunidades, ainda que (característica das paixões), estas se apresentem voláteis e vulneráveis às necessidades de seus membros.

Ainda segundo Bauman (2003) há uma “comunidade estética”, em que esta se apresenta no “círculo aconchegante da experiência” e é alimentada pelo poder do número, de modo que, quanto mais pessoas aderem a uma proposta, uma ideia ou ações, mais aprovação, confiança e tranquilidade na(s) escolha(s) feita(s) – (sensações momentâneas ou até que surjam novas opções). São, portanto, comunidades ou tribos de fácil composição ou decomposição, tendo em vista que a decisão para sua filiação é individual, até o momento em que pertencer às mesmas seja sedutor e o desejo de ostentar os símbolos de identificação pertencentes a cada uma delas, persista. Segundo Bauman (1999, p. 263-264):

As neotribos são, em outras palavras, os veículos (e sedimentos imaginários) da autodefinição individual. Os esforços de autoconstrução as geram: a inevitável inconclusividade e frustração desses esforços levam ao dismantelamento e substituição. Sua existência é transitória, em fluxo contínuo. Inflamam mais a imaginação e atraem a lealdade mais ardente quando ainda residem no reino da esperança. São formações frouxas demais para sobreviver ao movimento da esperança para a prática.

No mundo da vida dos jovens, são recorrentes processos formativos que acontecem em práticas associativas situadas em seus locais de pertencimento (comumente denominados de comunidades), possibilitando a formação de redes de sociabilidades. Essas redes podem se constituir em espaços nos quais as dimensões da liberdade e da igualdade se vinculam pelo princípio da solidariedade (FREITAS, 2005). As relações solidárias vão acontecendo no cotidiano das comunidades, lugar onde os jovens desenvolvem sentimento de pertença e de interconhecimento nos grupos dos quais fazem parte. Estar no grupo significa exercitar o “estar junto”, levando em consideração as disputas de ideias, as diversidades subjetivas, bem como processos de identificação.

Todas essas experiências contribuem de alguma forma para vivências formativas potencialmente políticas, no sentido de estar o tempo todo lidando com dissensos e despertando para um compromisso com o grupo e com a coletividade. De acordo com Groppo (2010, p. 03 e 04) “a política é, sobretudo, a possibilidade de que sujeitos coletivos se organizem e lutem pela própria ampliação do número dos que têm direito a falar e a ser ouvido no espaço público, bem como o alargamento dos temas e questões que podem ser trazidos à luz do debate”.

Neste processo de exercício do político e de construção das redes, a relação com o outro é uma característica primordial na busca por caminhos próprios de melhoria de vida da coletividade. A vontade criadora, de crescimento e de expansão de forças, ultrapassam os limites da materialidade objetiva (que é uma luta diária e constante) e vão ao encontro a um movimento contrário à permanência e conservação do que está posto (DIAS, 2011).

Vejamos como isso se apresenta nas experiências escolhidas para evidenciar modos de ser jovem, para além dos padrões normativos

existentes. Tais padrões refere-se à ideia de que a “juventude se constitui como um período de preparação, de transitoriedade para uma etapa posterior marcada pelo fim dos estudos, a entrada no mundo do trabalho, o casamento, o ter filhos” (SOUSA, 2010, p. 121).

Nessa concepção há um fim a ser alcançado e para tanto o indivíduo segue determinadas etapas bem definidas socialmente, onde “na infância brinca-se, na juventude prepara-se e na idade adulta trabalha-se” (DAYREL, 2005, p. 29). Os jovens, sujeitos das pesquisas aqui apresentadas, em meio às transformações da vida pessoal e social, se inserem em grupos diversos, fortalecendo identidades em torno de determinados estilos e práticas. Aqui, enfatizamos os grupos em torno da dança de rua e das vivências culturais e artísticas do Coletivo “Atissar”.

AS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS COMO POSSIBILIDADE DE SE (RE) FAZER / VIVER AS JUVENTUDES

As práticas culturais aqui apresentadas têm como protagonistas jovens moradores das periferias urbanas de duas cidades do interior da Paraíba chamadas de Zabelê³ e Cajazeiras⁴. Interessa-nos aqui as redes de sociabilidades, que também são educativas, geradas a partir da constituição de coletivos e grupos em torno de atividades relacionadas ao campo da estética, seja através de Coletivos Culturais ou ligadas ao Movimento Hip Hop, referente respectivamente a cada cidade pertencente ao universo das pesquisas aqui mencionadas. Tais práticas têm possibilitado aos participantes dos referidos grupos a construção de modos próprios, em relação aos padrões dominantes, de viver as juventudes.

Da primeira cidade apresentaremos a experiência e as vivências do coletivo “Atissar” (o nome é escrito com dois “s” de propósito, com intenção de provocar indagações sobre o grupo). Este coletivo é formado por 13 jovens, com idades entre 16 e 45⁵ anos. Todos são oriundos de Zabelê, porém, há

³ Cidade localizada na região do Cariri, semi-árido paraibano, a 325km de João Pessoa, capital do Estado. Em 2010 a população era composta por 2075 habitantes (Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/zabele/panorama>).

⁴ Cidade situada no alto sertão paraibano, a 480km de João Pessoa, capital desse Estado. Consta que em 2010 havia 58.446 habitantes neste município (Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidades>)

⁵ Como já dito anteriormente, consideramos as juventudes para além da faixa etária, levando em consideração “a condição de ser jovem”.

jovens, que moram em outros municípios por causa dos estudos. Essa distância não impede que se comuniquem diariamente. Segundo membro do grupo, ter jovens morando em cidades diferentes facilita articulações para captação de recursos, por exemplo. O coletivo “Atissar” tem como objetivo principal desenvolver projetos culturais em Zabelê. De acordo com entrevista concedida por um jovem do coletivo, o “Atissar” busca através de práticas culturais “despertar sonhos nos jovens da cidade”.

Segundo documentos oficiais da Associação Cultural de Zabelê, local onde surgiu o coletivo, a população de Zabelê é, na sua maioria, formada por jovens “excluídos da vida econômica e com escolaridade precária”.

Todas as ações do coletivo “Atissar” são desenvolvidas em Zabelê e se configuram como atividades culturais. Os jovens organizam festivais de música, teatro e danças folclóricas; esses eventos buscam proporcionar experiências estéticas que não são comuns à população da cidade. Para realizar as práticas culturais o grupo mobiliza uma rede de jovens colaboradores de várias cidades do Estado que atuam na organização e realização dos eventos voluntariamente.

Este grupo nos chama atenção pelos fortes vínculos construídos e reafirmados no cotidiano de cada jovem. Há um grande movimento de cooperação e de trabalho colaborativo. Curiosamente, os membros do “Atissar” passam todas as datas comemorativas do ano, como Natal, Ano Novo, entre outros, juntos. E, para justificar a ausência deles junto as suas famílias, organizam um encontro anual para apresentar-lhes as produções que realizaram. É importante ressaltar o compromisso que o coletivo estabeleceu com a cidade de Zabelê; talvez o sentimento de pertença com o lugar estimule a formação de grupos como esse. Aparentemente, esses 13 jovens criaram formas de (com) viver tendo como princípio o cuidado e a formação dos seus membros.

Em Cajazeiras, destacamos as experiências em torno do movimento hip hop⁶, especificamente a dança de rua⁷. Distribuídos nos diferentes bairros da cidade, especialmente nos que ficam localizados em seus arredores, foi possível (no período em que se realizou a pesquisa, em 2010) contabilizar a existência

⁶ O *hip hop*, enquanto movimento artístico-cultural, se consolida nos EUA nos anos de 1980, principalmente na cidade de New York, no bairro do Bronx. Entretanto, as manifestações que o compõem (dança de rua, *rap*, grafite, etc), já existiam separadamente desde o fim dos anos de 1960.

⁷ O *street dance*, ou a dança de rua, é um estilo de dança que surgiu nos EUA a partir do fim dos anos 60, congregando uma diversidade de estilos presentes naquele momento. Tem como cenário para o seu surgimento as ruas das cidades, tornando-se mais tarde, um dos elementos que formarão a cultura *hip hop*

de 4 grupos de dança de rua, uns com poucos (de 05 a 08), outros com muitos elementos (de 15 a 20 pessoas), além da existência dos *b-boys*, que eram crianças, adolescentes e jovens mais interessados nas apresentações e performances individuais. Importante destacar a quantidade de pessoas envolvidas com a dança de rua, tendo em vista a existência de outras agregações juvenis em Cajazeiras, como teatro, grupo de danças folclóricas, bandas de música (de forró a rock), entre outras.

Os grupos da dança de rua de Cajazeiras eram compostos por jovens de baixa renda com idade entre 14 a 25 anos⁸; não dispunham de nenhum tipo de remuneração para dançar, não possuíam espaço determinado para se exercitarem, podendo ser ora uma escola, ora o Centro Pastoral (cedido pela Igreja), ou qualquer tipo de espaço que dispunha de energia elétrica (já que necessitam de música para o desenvolvimento da dança); participavam de eventos nas cidades circunvizinhas (quer sejam grupais, em duplas ou individuais); eram grupos compostos, de forma quase predominante, por homens.

A formação desses grupos ocorria geralmente pela proximidade de seus membros (muitos eram da mesma família) já que, em geral, eram moradores do mesmo bairro, até mesmo vizinhos; de outro modo se aproximavam dos grupos existentes por acharem esteticamente interessante o dançar sincronizado, as roupas usadas, o estilo que apresentavam; ainda havia aqueles que tinham seus primeiros contatos através das apresentações dos grupos na rua ou nas escolas em que estudavam.

Aos “jogos relacionais” presentes nas experiências apresentadas, destacamos o “fervilhar existencial de todos os dias” (MAFFESOLI, 2007b, p. 201-204), manifesta nas interações sociais evidenciadas. Nas relações de proximidade que os jovens expressam é a experiência, o cotidiano que explicam como cada um vivencia sua ligação com os grupos, com a vida ao seu redor. Para este autor, tais experiências vem carregada da “força da simplicidade”, posto que valorizam os detalhes, as pequenas coisas que, embora separadas entre si, em seu conjunto fazem sentido e constituem o “cimento essencial das tribos urbanas”.

⁸ Embora tenha encontrado alguns deles com até 30 anos, que continuavam dançando e não se viam fora do título de “jovem”.

Desse modo, é no “olhar” para os grupos de Dança de Rua de Cajazeiras e o Coletivo de Zabelê, presentes nos “bastidores da ação social”, enquanto uma das formas sociais que possibilitam aprendizagens e saberes, que se vê a imaterialidade, na materialidade do estarem juntos. Esta é fazedora de vínculos a partir do que veicula e apresenta de simbólico, ultrapassa a vontade individual, não é fixa, é dinâmica e permite o desenvolvimento de particularidades vividas no cotidiano, no presente e coletivamente.

Assim, não dá para falar de pensamento individual ou de modo de ser narcísico. O que há é um sentimento generalizado de pertença que fornece ao senso comum “os seus foros de nobreza”. Antes de mais nada, os jovens sujeitos das pesquisas apresentadas, fazem parte de um conjunto, em que o todo é diferente das partes que o compõem (MAFFESOLI, 1998b).

Tais jovens, questionados acerca dos interesses em participar dos grupos, apontaram os seguintes fatores: necessidade de ser conhecido, pelo prazer e a ludicidade, o estar com o outro, a interação do grupo, as amizades estabelecidas nele, a busca de valorização pelo que faziam.

Essas questões pareciam estar contidas nos eventos realizados pelo Coletivo de Zabelê e pelos jovens da dança de rua de Cajazeiras. As pessoas ali presentes, jovens em sua maioria, iam ao encontro dos outros, se confraternizavam; o estar-junto não apresentava um dever; a busca era pelo compartilhamento de emoções e sentimentos comuns.

a questão [...] é produzir, criar, inventar novos modos de subjetividade, novos estilos de vida, novos vínculos e laços comunitários, para além das formas de vida empobrecidas e individualistas implantadas pelas modernas técnicas e relações de poder (BRANCO, 2001, p. 246).

Neste sentido, a contribuição de Guattari e Rolnick sobre processos de singularização também são de grande relevância para nossos estudos. De acordo com estes autores, podemos chamar de processos de singularização uma maneira de recusar os modos de manipulação e de telemando para construir modos de sensibilidade, de relação com o outro, de produção, de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Trata-se de uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (GUATTARI E ROLINK, 1996).

Nas pesquisas realizadas pudemos visibilizar as práticas culturais dos jovens enquanto práticas de resistência, já que as mesmas possibilitaram a criação de versões próprias de subjetividades, ou seja, modos de ser que procuravam escapar de alguma forma dos processos de assujeitamento. A resistência é algo que faz parte das relações humanas e que se configura como um movimento de reelaboração de si mesmo e de formas outras de vida, diferentes das pré-determinações das “sociedades de controle” (DELEUZE, 1992). É a persistência em dar vida a sua própria vida. Esta resistência se constrói a partir das experiências de vida, da família, de grupos de referência e se volta à construção de formas plurais de ser.

Desse modo, é participando dos grupos que os jovens criam redes de cooperação e solidariedade. Nestas redes, estar junto com o outro e trabalhar para o outro é algo que os move. Claramente, as experiências são individuais e acontecem de forma singular para cada sujeito, porém tais experiências, muitas vezes, são movidas por desejos semelhantes, que unem as singularidades e formam os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da
dominação, há sempre a insubordinação.
(Toni Negri).

Às narrativas embebidas de “certezas” sobre a condição dos jovens pobres e moradores das periferias, buscamos ao longo desse texto apresentar outras “verdades”, essas premissas de “potência”, de “insubordinação”, de vida.

Os jovens, sujeitos de nossas pesquisas, através de seus desejos de gregarismo, revelaram uma lógica societária regida pelo prazer, pela ludicidade, pelo encontro com si mesmo e com o(s) outro(s), numa luta por reconhecimento e visibilidade. A partir daí, promovem, mesmo que de forma incipiente para realizar transformações de longo alcance, um “embate” com a organização social a qual pertencem, a partir das diferentes práticas que realizam em seus grupos, tudo isso atrelado às suas condições de jovens pobres, considerados, pelo que fazem, desocupados, “marginais”.

Em consonância com as teorias abraçadas para entender os dados apresentados pelos nossos estudos, priorizamos “apreciar” a realidade em seu constante devir, dando ênfase ao que move os jovens, perscrutando a carga de vitalidade que possuem, sem, ao nosso ver, assumirmos “discursos convencionais” de compreensão do fenômeno em pauta. Difícil imaginar que caminhos levarão processos sociais, que também são educativos, como esses; inegável são as realidades múltiplas que os encharcam.

Tais realidades engendram saberes e aprendizagens que não estão desconectados de processos macro sociais como a globalização econômica e cultural, os avanços tecnológicos e informacionais, a mídia⁹ e as imagens/símbolos que veicula; tais elementos macro estruturais são propagadores de configurações societais que sinalizam formas de ver e estar no mundo. Contudo, o processo educativo não se dá em uma única via. Os jovens aqui apresentados, em suas localidades, através de suas formas de agir e ser, criam alternativas, buscam expressões, assumem identidades e se fazem, mesmo em meio às adversidades.

Neste “novo” jeito de se comportar enquanto sujeitos políticos, há presente uma característica da atual sociedade: diz respeito à saturação do político, uma desconfiança em relação aos poderes instituídos. Para Maffesoli (2007a), trata-se de um dado revelador de um dinamismo renovado dessa sociedade, marcada pela existência do pluralismo não totalmente domesticável, num otimismo que destoa do coro ressonante presente nas mais diversas instâncias sociais, que apregoam a ausência de compromisso, de participação, de interesse pelas questões coletivas por parte dos indivíduos, em especial dos jovens.

Assim, encontramos nas periferias de Cajazeiras e Zabelê diversas experiências e experimentações sociais que se apresentam como uma “política da vida no cotidiano da pobreza” com jovens engajados na invenção de novas atitudes sociais, a partir de “sua periferia” (TAKEUTI, 2010, p.14).

Segundo Takeuti (2010), os jovens das periferias têm construído vias paralelas como forma de saída às suas limitadas condições de vida. São experiências que se caracterizam como sendo de resistência social, mas que se diferenciam das grandes mobilizações de massa. Tais experiências constituem uma resistência que se “apresenta como um evento ou um acontecimento”.

⁹ Para aprofundamento desta discussão ver Kellner (2001), Levy (1999), Jenkins (2009).

Estas ações de resistência podem ser consideradas como uma invenção do político, como novas formas de refletir sobre o lugar onde vivem, como outras possibilidades de estar no mundo.

Nas práticas cotidianas de resistência a modos padronizados de ser jovem, os sujeitos de nossas pesquisas nos fazem reconhecer a experiência estética como espaço de formação, de encontro, trazendo novos desafios para o exercício pedagógico dos profissionais da educação. Assim, estamos considerando as iniciativas dos jovens como práticas de educação não formal que se desenvolvem no mundo da vida. Educação não formal no sentido das elaborações de Gohn (2001; 2006). Segundo a autora, a educação não formal se refere às aprendizagens que ocorrem "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”(GOHN, 2006, p. 2).

A aproximação com os jovens envolvidos em práticas culturais, especialmente de cunho estético, nos incita a continuar pensando sobre as possibilidades de construir formas de vidas singulares, refletindo sobre as possibilidades de construir subjetividades que apresentem “linhas de fuga”.

A princípio, os processos de sociabilidade aqui narrados podem não se distanciarem das práticas existentes nos tradicionais grupos de convívio social como grupos religiosos, grupos escolares, grupos familiares, agremiações esportivas. Contudo, embora haja similaridades entre esses grupos, ressaltamos que há especificidades em cada um deles, o que não os faz iguais entre si, ou seja, embora se tenha em comum o encontro, o convívio, a partilha, entre outras possibilidades que deles possam evocar, não se pode dizer que se tratam ali de processos de sociabilidades idênticos, visto que grupos religiosos, por exemplo, possuem objetivos distintos dos grupos familiares, das agremiações esportivas, etc.

Assim, os processos de sociabilidade engendrados pela experiência estética e cultural trazem em seu bojo, a busca pela valorização do coletivo a partir de sua expressão artística; desse modo, a dança, o teatro e a música aqui representados pelos grupos de dança de rua de Cajazeiras e o Coletivo “Atissar”, anunciam o que já foi dito pela música dos Titãs: “ a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão, bale”.

O que nos impressiona? Talvez, “apreciar” a realidade em seu constante devir, dando ênfase ao que move os jovens, perscrutando a carga de vitalidade que possuem sem, assumir “discursos convencionais” de compreensão do

fenômeno em pauta. Difícil imaginar que caminhos levarão processos sociais, que também são educativos, como esses; inegável são as realidades múltiplas que os encharcam.

Eis, portanto, nosso papel enquanto “heréticos intelectuais”: estar em sintonia com os “heréticos existenciais” (MAFFESOLI, 2007b, p. 209), apostando que a “experiência em seu devir, em seu aspecto aleatório e perigoso, é o critério essencial de uma vida plenamente vivida”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRANCO, G. C. As resistências ao poder em Michel Foucault. In: *Trans/Form/Ação* [online], vol.24, n.1, pp. 237-248. <http://www.scielo.br/pdf/trans/v24n1/v24n1a16.pdf>. 2001.

CALIMAN, Geraldo. *Paradigmas da exclusão social*. Brasília: Universa, UNESCO, 2008.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DAYREL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FREITAS, Alexandre S. *Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana: um estudo das redes associacionistas da sociedade civil*. 2005. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco.

GOHN, Maria da G. *Educação Não-Formal e Cultura Política*. São Paulo: Cortez, 2ª ed. 2001.

_____. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio:aval.pol.públi.educ.*, Rio de Janeiro, v.14,n.50,p.27-38, jan/mar. 2006.

GROPPO, L. A. *Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes*. Última Década nº 33, CIDPA Valparaíso, Diciembre, 2010.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação* / Henry Jenkins ; tradução Susana Alexandria. - 2a ed. - São Paulo : Aleph, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In.: *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2010.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Trad.de Albert Chistophe M. Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Atlântica, 2004.

_____. *O conhecimento comum - introdução à sociologia compreensiva*. Trad. Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

_____. *O ritmo da vida - variações sobre o imaginário pós-moderno*. Trad.: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007 b.

NIETZSCHE, F. *Vontade de Potência*. São Paulo: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, M.L. *Políticas de Juventude, Governo da Vida e Educação: Uma aproximação às ações de re(x)istência de jovens moradores das periferias na Paraíba 2015*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, ANPED, 1997.



SOUSA, N.J.S. *Globalização, tecnologia e mídias: elementos constituintes do estar-junto juvenil na contemporaneidade*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

TAKEUTI, N. Refazendo a margem pela arte e política. *Nômadias* (Col), núm. 32, Universidad Central Bogotá, Colombia. abril, 2010, pp. 13-26.

ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997

Recebido em 11/03/2019

Aprovado em 15/09/2019